



Fronteiras: Revista Catarinense de  
História

ISSN: 1415-8701

samira.moreto@uffs.edu.br

Universidade Federal da Fronteira Sul  
Brasil

Serrano, Carlos

Viriato da Cruz: Um Intelectual angolano do sec.XX. A memória que se faz necessária

Fronteiras: Revista Catarinense de História, núm. 16, 2008, pp. 73-80

Universidade Federal da Fronteira Sul

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672071473008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Viriato da Cruz: Um Intelectual angolano do séc. XX. A memória que se faz necessária<sup>1</sup>.

Carlos Serrano<sup>2</sup>

## Introdução

No breve século XX, iniciado com a revolução russa em outubro de 1917, e o colapso prematuro desta em novembro de 1989, são estes dois marcadores de tempo importantes politicamente. Nele se inclui o processo determinante para a História de Angola, a emergência da luta de libertação que conduziria à independência, em novembro de 1975, bem como os seus atores sociais relevantes para a História do país.

Assim pensamos debruçarmos sobre a ação de uma das lideranças que desempenhou um papel fundamental neste período: Viriato Francisco Clemente da Cruz, dando uma contribuição importante ao desencadeamento deste processo. Sua reflexão como intelectual cultural, líder político, dissidente e crítico em diversos momentos marcam a sua trajetória como ator político deste período do qual não pode ser dissociado. Os momentos cruciais da História do Movimento de Libertação Nacional deverão ser compreendidos por certos "tempos" por nós já definidos em trabalhos anteriores<sup>3</sup> O Tempo do Imaginário como momento cultural necessário à construção da "comunidade imaginada", o Tempo da Revolução, isto é, dos Projetos e do Programa Revolucionário que se cristalizam no momento do Tempo da Independência, ou seja, ao tempo de consagração da luta libertária.

<sup>1</sup> Originalmente feito em forma de entrevista dada ao historiador angolano Carlos Pacheco, e devido a problemas na transcrição da mesma, resolvemos transformá-la num depoimento, porque na sua essência possui um caráter biográfico que nos remete a um conceito recentemente incorporado na Antropologia; o de "autoetnografia", mas, também biográfico. É essa a finalidade do depoimento quando pretendemos dar a conhecer certos aspectos pessoais em diversos contextos de um intelectual angolano do séc. XX: Viriato da Cruz. Sobre "autoetnografia" ver: VERSIANI, Daniela Beccacia. *Autoetnografias, conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro, Ed. 7 Letras, 2005.

<sup>2</sup> Prof. Dr. da Universidade de São Paulo.

<sup>3</sup> Serrano, Carlos - *Angola: nasce uma nação - um estudo sobre a construção da identidade nacional*. Tese de doutoramento em 1988 na Universidade de São Paulo. (Está no prelo em Luanda pela editora Kilombelombe, 2008). *Angola: a geração de 30, os jovens intelectuais e a raiz das coisas*. In: *Abrindo Caminhos* (Homenagem a Maria Aparecida Santilli), Coleção Via Atlântica, nº2, SP, 2002. *A Trajetória da Elite Intelectual, a 'Geração de 30' e seus projetos: a Nação*. In *'Lusofonia' em África - História, Democracia e Integração Africana*, CODESRIA, Dakar, 2005.

Pretendemos analisar os textos, ações e representações de Viriato, bem como certos discursos expressos a seu respeito neste período, e após o mesmo, que penso constituir um debate necessário à construção da memória da nação. Suas posições, como humanista, nacionalista e marxista, são necessárias para a compreensão e fixação da memória necessária à História recente de Angola, para que não resultem distorções e amnésias causadas por conflitos pessoais ou ideológicos a ultrapassar. Memória que se faz urgente e necessária.

### **Como conheci Viriato (O encontro)**

Viriato é realmente uma personalidade muito grata e definitiva em toda a minha formação política, desde que saí de Angola. Vim a conhecer o Viriato em Argel, isto em final de 1963, 1964, e começo de 65, quando saio da Argélia para a Suíça. Em um ano e nove ou dez meses que eu estive em Argel, tive a oportunidade de conviver de perto com o Viriato.

Eu era bastante jovem, tinha 21 anos, e o Viriato era uma figura para nós, jovens saídos lá da Casa dos Estudantes do Império e vindos de Angola, quase que mítica, e eu estava com vontade de conhecer o Viriato, e de ver quem é que me podia apresentar o Viriato. A pessoa que eu estava mais próximo e que era amigo do Viriato era o Sócrates Dáskalos. E o Sócrates prometeu-me apresentar o Viriato. E oportunamente nós fomos a uma cidade próxima de Argel chamada Boufarik. No momento eu trabalhava numa outra cidade próxima também, chamada Blida, e no itinerário de Argel para Blida, passamos em Boufarik onde trabalhava como médico o Dr. João Vieira Lopes. Ele vivia nesse momento em Boufarik. E sabíamos que o Viriato estaria nesse dia visitando João Vieira Lopes, deste modo o Sócrates disse, "Olha, é a oportunidade de conheceres o Viriato". E paramos em casa de João Vieira Lopes, fomos visitá-lo e deste modo fiquei conhecendo o Dr. João Vieira Lopes bem como sua mulher Gina assim como Viriato. Assim conheci o Viriato. Escutei calado quando falava das coisas da terra, das risadas abertas do Viriato e, quando nos despedimos, disse ao Viriato que gostaria ainda de falar com ele mais atentamente, mais demoradamente em outro momento, e ele deu-me as coordenadas em Argel onde podia encontrá-lo. Quando voltei para Argel em várias ocasiões, eu falei com ele. Era uma pessoa que eu tomava como um conselheiro. Faz-se necessário dizer que ele já tinha criado a cisão no (MPLA) Movimento Popular de Libertação de Angola. Ele tentou fazer um acordo próximo ao (FNLA) Frente Nacional de Libertação de Angola, e então orientava, de certa maneira, como se podia chamar o escritório do FNLA, em Argel. O represen-

tante era o Johny Eduardo, que ele me apresentou em certo momento. (Johny Eduardo após a independência juntou-se ao MPLA).

Ele nunca se integrou no FNLA individualmente, mas como grupo. Como grupo, vinculado ao MPLA-Viriato, não como personalidade, nada disso. E tinha seus co-participantes, em Kinshasa, (ex-Leopoldville), o Matias Miguéis e o Zé Miguel, além de outros angolanos da dissidência Viriato. Era uma aliança estratégica que podia colocar militantes dentro do país para continuação da luta de libertação. Naquele momento, o Boletim do FNLA, escrito pelo escritório de Argel, era elaborado por ele, em parte, e apenas nessa época.

Estes textos são trabalhos que devem ser lidos como documentos importantes daquele momento. Um destes boletins é célebre, em que ele fala sobre os "luso-angolanos" denominação criada por ele para se referir aos camaradas brancos que militavam no Centro de Estudos Angolanos de Alger. Em nenhum momento há qualquer exclusão do grupo, pelo contrário, ao inserir esta categoria num boletim do FNLA estava incluindo este segmento num diálogo político, mesmo que este tenha um sentido crítico, no artigo mencionado. Enfim, eu tinha essa relação próxima que me levava a ter consciência dos seus problemas e dificuldades materiais e de reconhecimento político na Argélia.

### **Momento (Tempo da Revolução)**

Foi no decorrer de 64, pois eu cheguei a Argel em julho ou agosto de 63, fiquei 64 e sai de lá no início de 65. Quando se deu o golpe de estado aqui no Brasil, eu estava exatamente em Argel, foi em 64. Eu passei o ano todo de 64. Então é no decorrer de 64. E eu, além disso, tinha todo um relacionamento com a Conferência, já nessa altura, com a Conferência de Escritores Afro-asiáticos com sede em Pequim. Ele se relacionava com pessoas, não muitas, mas com algumas pessoas dentro do próprio MPLA/Brazzaville, que reconheciam nele méritos de liderança e que nunca quiseram cortar uma relação de amizade com o Viriato, nem o próprio Viriato. Mais tarde entrevistei um "mais velho", Felipe Fragata (já falecido), que conviveu com o Viriato quando jovem. Disse-nos que na juventude já tinha essa conduta para com os amigos e afirmava: "Olha, jamais corta relações, a gente se afasta", o que mostra o caráter do Viriato, que era uma pessoa que, por mais que digam que ele era exaltado, irascível, enfim todas essas coisas que queiram dizer, eu acho que é preciso ter atenção em quem o afirma. Tudo o que indicam pessoas, pelo menos que conviveram com ele por toda a vida, e mesmo na juventude, lhe dão outro caráter, principalmente eu, que convivi com ele de perto. Basta dizer que o Viriato vivia em condições muito simples, em Argel. Ele vivia numa kitinete,

que era um quarto apenas. E me lembro de uma noite em que fui falar com ele, e realmente era um pouco tarde, e a esposa e a filha de dois ou três anos já estavam dormindo, e ele me recebeu à porta de pijama e disse: "Viestes tarde e a família já está dormindo", então falei, "Desculpa, eu vou embora", e ele, "Não, estás aqui para falar comigo, vais falar comigo". Então entramos para o banheiro, à casa de banho, ele de pé e eu me sentei na privada, e ficamos falando ali não sei quanto tempo. Quem é que faz isso? Uma pessoa que não necessitava disso, afinal eu era um garoto. Quando, um dia, me manifestei dizendo: "Olha Viriato, eu aqui não faço nada, não estou dando conta de certas privações, etc., não consegui bolsa da (UGEAN) União dos Estudantes da África Negra de Língua Portuguesa." A UGEAN conseguia as bolsas para os países socialistas para os estudantes das colônias sob o domínio colonial português. Eu nunca consegui, a minha relação próxima com Viriato foi determinante para tanto.

(União dos Estudantes da África Negra de Língua Portuguesa – UGEAN) Eu não consegui bolsa porque sabiam da minha relação, apesar de ter carta de apresentação do Paulo Teixeira Jorge, que é um grande amigo que me deu guarida em Paris quando eu saí, tendo passado na Casa dos Estudantes do Império.

Como não tinha conseguido bolsa, o Viriato me disse, "Tens que estudar mesmo, se um dia queres ser útil a Angola, é estudando, não podes ficar aqui fazendo nada. Então se tens a oportunidade de estudar, vai estudar". Então eu volto para a Europa, mas não quero ir para a França, porque vou me perder por lá. Estou pensando em ir para a Suíça porque tenho lá alguns amigos. Ele disse, "então está bem, então vou te passar uma carta de apresentação, vou te apresentar lá um amigo, um camarada. E mandou uma carta a um angolano que estava lá, que se tornou um grande amigo meu enquanto estive lá, tínhamos uma amizade próxima com o Viriato, que outras pessoas não sabiam. Era o Manuel Borges Bamba (já falecido em Luanda pós independência). Havia em Lausanne um pessoal do FNLA, de alguns deles, dissidentes do FNLA, que deram origem a (UNITA) União Nacional para a Independência total de Angola, e o pessoal do MPLA entre Lausanne e Geneve. Havia também gente da oposição portuguesa, estudantes portugueses no exílio e outros de famílias ligadas ao regime colonial que ali se encontravam para não participar da guerra colonial. Então era um lugar onde se precisava ter um certo cuidado. Por vezes o Viriato nos mandava correspondência, que devia ser enviado a Brazaville, para o Matias Miguéis, o mais velho. Eram notícias e relatórios completos de sua atuação, o que fazer, de orientação sobre o que realizar como ações estratégias do grupo. Esse material se fosse recuperado hoje daria mais



do que um livro, do ponto de vista político da "práxis" revolucionária no contexto da luta de libertação nacional em Angola.

Mais tarde, quando foi a conferência dos Países não-alinhados em Bandung, na Indonésia, que não se realizou devido ao golpe de estado de Suharto. Matias Migueis e José Miguel que se tinham dirigido para Jacarta participar da Conferência, por indicação do Viriato, ficaram sabendo do golpe de estado no meio do itinerário e regressaram. Em Paris mudaram de avião, que era para Brazaville. Eles desceram em Brazaville, e quando iam atravessar o rio, no ferry-boat que os levaria a Kinshasa, foram reconhecidos por alguém do MPLA/Brazzaville, que mandou imediatamente a polícia congoleza detê-los.

E foram presos, e depois de algum tempo foram julgados e fuzilados. Bom, nessa altura Viriato estava ainda em Argel e se mobilizou fazendo abaixo-assinados etc., tudo para que o governo do Congo-Brazaville os soltasse. Ou pelo menos não os matassem. Ele nos enviou esses abaixo-assinados para a Suíça, e nós andamos recolhendo assinaturas entre vários estudantes de várias nacionalidades e mandamos para o presidente da república do Congo, Massemba Debat. Mais tarde, um dos companheiros do MPLA/Brazza, andava procurando quem estava recolhendo assinaturas, queria saber quem mandou as assinaturas para salvar os companheiros de uma morte absurda. Fez-me lembrar os acertos de contas da FLN em Argel entre facções rivais, antes da Independência. Acho que este foi um aprendizado terrível que infelizmente alguns angolanos passaram. E isso demonstra como a gente às vezes fica quieto sem dizer nada, sem se pronunciar publicamente sobre assuntos graves como aquele por medo.

## Escritos do Viriato

Depois da morte do Viriato tive a oportunidade de ler um documento datilografado que nós (estudantes próximos a Viriato) denominávamos (após sua morte) de "Testamento do Viriato" (ainda não se conheciam os textos da China, mais recentes), pois, pensava-se que tinham sido seus últimos escritos. Pelo menos sobre Angola, acho que eram. Era um documento em que ele, (como ele sempre fazia) deixava certa interrogação sobre quem eram, quem estava na cabeça da revolução, quais os méritos deles, suas estratégias no âmbito interno e externo. Não era um artigo da revista Révolution. Era uma análise marxista com referências de alguns teóricos chineses no que se refere à luta anticolonial e à guerra prolongada. Infelizmente, tenho andado à procura da pessoa que me emprestou para lê-lo e não o tenho encontrado. Durante

algum tempo estas leituras eram feitas sigilosamente. As pessoas tinham receio, mesmo depois da morte do Viriato, de ter até um documento escrito ou datilografado pelo Viriato. Isto demonstra como as pessoas realmente, durante esse período, seja antes ou após a morte, e durante algum tempo, comportavam-se assim, coagidas a não se revelarem próximas a ele. Só algum tempo atrás quando certos camaradas de; no caso refiro-me ao Antonio Jacinto, (na revista Novembro fala do início do MPLA, da fundação do (PCA) Partido Comunista Angolano, e de seu idealizador); reafirmando sua posição pioneira no movimento nacionalista começou-se então a reabilitar Viriato da Cruz como intelectual e liderança política. E, realmente o Antonio Jacinto não titubeou em pôr o nome do Viriato como um dos iniciadores do processo revolucionário, e também claro, mostrá-lo como intelectual, como poeta etc., mas também um ator político. Há alguma ausência a seu papel posterior, mas nem podia fazê-lo porque não esteve presente, estava preso. Então pelo menos é válido o depoimento no momento histórico que compartilhou depois ele fica à margem.

## **Viriato e o Marxismo**

Uma afirmação que temos constantemente escutado e lido é de que o Viriato era o único comunista que havia em Angola. E é possível, mas nem sempre compreendo bem o teor desta afirmação. Às vezes de forma irônica como se isto fosse um estigma o que conduz "em estar à margem da compreensão do nacionalismo angolano" (como se fosse um modelo externo à realidade angolana). Outras vezes, colocava-se Viriato como o único marxista convicto não só pela sua formação, mas também pela sua práxis política. Assim, desde sua juventude o Viriato tinha uma enorme leitura de teóricos marxistas que depois no exílio foi aprofundando as mesmas e discutindo com várias pessoas, não só angolanos, certos fundamentos associados à questão nacional. Viriato e Antonio Jacinto por correspondência com o Brasil (com o escritor Salim Miguel da revista "Sul", em Florianópolis, Santa Catarina, de que foram colaboradores, assim como outros intelectuais das colônias portuguesas) conseguiram variada literatura, não só de jornais como de livros que chegavam clandestinamente a Luanda. Na correspondência com Salim Miguel são nomeados diversos autores marxistas soviéticos e chineses dos quais são pedidos seus livros. Estes momentos poderiam definir-se como Tempos do Imaginário que devem ser compreendidos no seu contexto histórico<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> SERRANO, Carlos. Angola: nasce uma nação - um estudo sobre a construção da identidade nacional. Op. Cit. Ver também o livro de MIGUEL, Salim. Cartas d'África e Alguma Poesia. Ed. TOPBOOKS e Academia Brasileira de Letras, 2005.

O processo é interessante, e acho que é um processo idêntico a outros de esquerda na África. Muitas das lideranças de esquerda marxistas eram também nacionalistas. Mas nacionalistas na verdadeira acepção da palavra. Virado para o povo e virado para a construção de uma autonomia em termos ideológicos até, de uma autonomia que compactua com as pessoas da terra, com todos. Eram na acepção do que o Gramsci denominou de intelectuais orgânicos e desta maneira compreendiam as aspirações populares que antes de tudo era a de libertarem-se do colonialismo.

O nacionalismo de Viriato era, tal como o de Amílcar Cabral e Mário Pinto de Andrade o projeto de uma nação socialista, solidária com outras nações que buscavam as independências e dos povos que lutavam contra as mesmas das injustiças sociais criadas no mesmo contexto colonial. Era o projeto de uma Geração que teve uma trajetória semelhante e no mesmo contexto histórico de combate ao colonialismo português. Geração que Mário Pinto de Andrade chama de Geração de Amílcar Cabral, mas que por isso mesmo também poderia chamar-se Geração de Viriato, ou Geração dos anos 50. Não era uma Geração de Utopia porque o Viriato nunca deixou de ter uma posição crítica ao socialismo vulgar ou de outro tipo que reificasse a realidade objetiva e isso talvez o tivesse isolado no final de sua vida. A sua luta pela construção de um espaço autônomo de concepção ideológica sem ruptura do diálogo com os seus companheiros, portanto, democrático na verdadeira acepção da palavra, este era um dos elementos de sua práxis.

## A questão racial

Uma revista democrática portuguesa antifascista em Londres em 1960 ou 61 questionou Viriato em entrevista se o slogan de *África para os africanos*, não comportaria questões de ordem racial, se não conduziram a comportamentos racistas. Ele disse que não, que existiam lideranças africanas casadas com mulheres brancas, e em *África para os africanos* está sintetizada em outro princípio que é um homem, um voto. Então os brancos também estão lá, vão votar e também estão dentro deste princípio. Então não é uma minoria no poder, não é uma minoria branca ou crioula, ou qualquer coisa dessas, é um homem, um voto. É uma coisa simples de se dizer, e se esquecem desses pormenores. Eram concepções como essas que ordenavam seu pensamento, o seu discurso.

Ele sempre colocava, as críticas que fazia eram sempre de uma ordem, de certa maneira teórica. Mas a crítica principal não era nunca em relação ao partido ou ao movimento, não que se referia MPLA ou FNLA, sempre, ele



jamais fez uma crítica explícita aos partidos mesmo que não se submetesse a eles. Nas análises dele sempre se colocava quais as forças que estavam em jogo e suas estratégias, quais forças no interior com que poderiam contar e as alianças estabelecidas no exterior. Tenho pena de não ter visto nenhum escrito, e talvez não tenham aparecido maiores detalhes depois com o surgimento da UNITA. Mas as forças que estavam em jogo naquele momento eram da MPLA e FNLA. E a questão era se as lideranças desses partidos, que no fundo eram lideranças formadas por uma pequena burguesia que muitas vezes desconheciam ou tinham certa alienação em relação às massas. Havia uma crítica muito grande colocada neste distanciamento. A sua vontade era estar próximo dos combatentes e contribuir para a sua formação política. Eu tive a sorte de falar com pessoas no início da luta de 1961, que depois formaram a frente em Cabinda e a frente norte, e que tiveram ainda uma formação política, que se deveu ao Viriato. Eu entrevistei o comandante Anselmo João em Argel (mais tarde morreu em combate segundo me informaram), que estava regressando da Bulgária de um curso de guerra, que conheci em Cabinda antes da minha fuga. Esteve desde o início na luta e recebeu treinamento e formação política em Boma ou Matadi quando o MPLA se transferiu para o Congo/Leopoldville. Foi num desses lugares, que se formaram os primeiros centros de formação revolucionária e segundo Anselmo, Viriato foi quem iniciou a sua formação política. Se ideologicamente alguns desses indivíduos tinham alguma formação política devem-na ao Viriato. E para quê? Para que exatamente esses indivíduos fossem os continuadores, que pudessem transmitir esta formação a seus camaradas e deste modo contar com suas próprias forças dentro da guerrilha e possivelmente tornarem-se futuras lideranças pelas suas capacidades como sempre Viriato afirmava. Não eram indivíduos que tivessem que recorrer apenas a palavras de ordem quando da ausência do partido dentro da guerrilha como muitas vezes aconteceu. O partido muitas vezes está ausente, tem o comissário político, etc., mas as lideranças estão distantes. Ali eles têm que resolver os problemas de verdade, e precisava que estes militantes tivessem esta formação para que no futuro eles fossem certamente, de certa maneira, os dirigentes. Penso que apesar de tudo, muitas vezes houve uma ruptura nesse processo. E ele tentava alertar para isto. Suas idéias se projetam para um futuro, para um devir que se torna necessário ainda nos nossos dias.